

CULTURA LÚDICA: A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO

PÂMELA KURZ ALVES¹; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG²

¹Universidade Federal de Pelotas – pamelakurz@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rocwurdig@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo as crianças foram pouco valorizadas socialmente. O olhar diferenciado às crianças e ao brincar foi influenciado pelas ideias de Rousseau no século XIX (ALMEIDA, 2012). Desde então, tem se modificado a maneira como elas têm sido tratadas e como tem sido compreendida a cultura lúdica (BROUGÈRE, 1997). Essa modificação está articulada às mudanças mais amplas que ocorrem na sociedade.

A discussão a respeito das interferências sociais e contextuais que se expressam nas brincadeiras infantis, da qual este trabalho resulta, foi possível pelos estudos e debates feitos na disciplina de Práticas Educativas V, ofertada no 5º semestre do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPEL). Durante a disciplina tivemos a oportunidade de entender sobre a cultura lúdica que as crianças produzem, através do estudo sobre suas brincadeiras, lugares, parcerias e brinquedos. Através desse ensaio de pesquisa, percebemos o quanto é amplo o universo lúdico das crianças, bem como a capacidade de reproduzir, de maneira versátil, o meio em que vivem, pois é através das brincadeiras que as crianças podem experimentar várias situações presentes no seu cotidiano. A brincadeira é o lugar onde pode existir o faz de conta que dá asas à imaginação e à fantasia. Mas a era digital e o consumo, por vezes, podem tanto encurtar, parte da infância das crianças, como aguçar e recheiar as brincadeiras. Quando usados demasiadamente não favorecem um brincar mais criativo, diminuem o tempo e o espaço das crianças para usar alguns elementos vistos, ouvidos e sentidos nos meios de comunicação e nas lojas e utilizados para compor parte de seu brincar.

Com o auxílio dos estudos de Almeida (2012) e Brougère (2001) compreendemos que os modos de brincar na escola, em casa ou outro lugar dependem do contexto em que o brincante convive. Os estudos desses teóricos permitiram a identificação dos vários condicionantes presentes no brincar das crianças entrevistadas e de que a escola, lugar onde as crianças, muitas vezes, permanecem muito tempo, deveria abrir mais espaço para o universo lúdico.

2. METODOLOGIA

O ensaio de pesquisa foi desenvolvido através de uma “entrevista conversada” (WÜRDIG, 2007) em dois momentos separados: do primeiro participaram da entrevista duas meninas de 5 e 10 anos de idade, residentes na cidade de Capão do Leão (RS), em uma área de vulnerabilidade social. A segunda entrevista contou com a participação de uma menina de 10 anos de idade, residente no centro da cidade Pelotas. As entrevistas duraram cerca de 10 minutos

aproximadamente e ambas foram realizadas nas casas das crianças e com o consentimento delas e dos pais.

A entrevista-conversada contemplou um roteiro de perguntas com aspectos da cultura lúdica. Após a entrevista e durante a análise houve um aprofundamento teórico para que compreendêssemos com quem, onde, como e de que brincavam as crianças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise da entrevista-conversada com a menina que mora no centro de Pelotas identificamos uma infância de poucas brincadeiras, extremamente voltada para atividades virtuais, jogos no celular e no computador, brinquedos da moda (ela possui um grande acervo de bonecas que foram recentemente lançadas), poucas brincadeiras coletivas (quando há alguma), ausência de lugares que propiciem o brincar e, também, a falta de incentivo para a prática de atividades lúdicas pela família e até mesmo pela escola. Com as crianças do município de Capão do Leão e residentes num bairro periférico, com medianas condições de saneamento básico e longe de loja de brinquedos, percebemos uma coletividade na hora de brincar e mais tempo para atividades brincantes, até mesmo na escola. O espaço escolar contempla algumas brincadeiras tradicionais que são aprendidas com outras crianças, com os vizinhos próximos e com os pais.

Esses resultados reforçam a ideia de que uma moradia rodeada de lojas e uma família que possui bens materiais não é a garantia para que o brincar aconteça. Além disso, os contextos de cada local é que definirão o modo das crianças brincarem, as parcerias e as referências, de cada local é que definirão o modo das crianças brincarem.

4. CONCLUSÕES

Poderíamos usar uma imensidade de casos de crianças para entender como o brincar se desenvolve como ele se dá em cada localidade. Neste trabalho estamos fazendo referência a um grupo específico de crianças. A brincadeira depende dos contextos culturais e sociais em que a criança está inserida, da imaginação, de temas, circunstâncias espaciais e tempo suficiente para que se aproprie desta experiência (ALMEIDA, 2012).

Foi possível aprender sobre a contradição que há no brincar, visto que não existe uma única forma de explicar essa ação das crianças. Aprendi também sobre o desenvolvimento da cultura lúdica, tivemos a possibilidade de compreender como o brincar toma rumos diferentes, considerando todos os aspectos que permeiam a vida das crianças entrevistadas. São modos diferentes de produzir cultura lúdica, nem melhores nem piores, porque na brincadeira, o que mais importa é a ação, o processo e não os resultados (BROUGÈRE, 2001).

Este trabalho evidencia a necessidade dos profissionais da educação inserir a brincadeira na escola. Não podemos deixar que as brincadeiras sejam esquecidas, já que os espaços não são propícios e o aumento de consumo de brinquedos eletrônicos ou brinquedos que servem para enfeites só aumentam. Hoje as crianças são repletas de responsabilidade, elas têm vidas corridas, como a de seus pais e o lugar onde passam maior parte de seu tempo é na escola. Nesse sentido,

acreditamos que os(as) professores(as) são responsáveis por garantir tempo e espaço para as brincadeiras no ambiente escolar.

A escola é um espaço que reúne diferentes crianças, cada uma com suas especificidades, subjetividades e identidades vindas de culturas familiares diferentes; a escola é espaço de diversidade. É brincando na escola que as crianças podem, também, descobrir a maravilha da diferença (ALMEIDA, 2012). Portanto, as professoras podem começar a aula pela brincadeira, abordando os aspectos sociais que nos diferenciam a fim de que o respeito pela diversidade possa ser aprendido e conquistado pelas crianças, mas não podemos ter um brincar somente escolarizado. Entendendo que as culturas lúdicas se moldam a partir do que é disponibilizado para as crianças, valorizamos os professores que acreditam e reservam tempo e espaço nas salas de aulas para as brincadeiras, e aquelas que ainda não o fazem: sempre há tempo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lucila Silva de. **Interações: crianças, brincadeiras brasileiras, escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

WURDIG, Rogério Costa. **O quebra-cabeça da cultura lúdica – lugares, parceiras e brincadeiras de crianças: desafios para políticas da infância**. São Leopoldo: Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007 (Tese de Doutorado)